

Trauma e discurso: visibilidade e mediação do homossexual enquanto vítima

Guido Vieira Arosa¹

Resumo: Objetiva-se analisar a questão do texto e da visibilidade da dor homossexual, mediante opressões que perpassaram as questões política e literária. Deste modo, é intenção frisar os silenciamentos impostos por sistemas jurídicos e governamentais, seja em “democracias” ou “ditaduras”; seja nos contextos do cárcere, do Holocausto e no autoritarismo da América, como no do adoecimento do homossexual, durante a epidemia de AIDS. Desta forma, há como base os testemunhos do francês Pierre Seel (1923-2005) – primeiro homossexual francês deportado durante a Segunda Guerra Mundial a relatar sua experiência em livro, “Eu, Pierre Seel, deportado homossexual” (1994) – e do cubano Reinaldo Arenas (1943-1990) – perseguido por ser um escritor homossexual pela Cuba dos anos 1960 e 1970 e, exilado nos Estados Unidos, escreve o livro “Antes que anoiteça” (1992), após sofrer o preconceito existente a partir do genocídio representado pela AIDS, ao longo dos anos 1980, culminando em seu suicídio.

Palavras-chave: Homossexualidade, literatura, testemunho, trauma.

Abstract: The objective is to analyze the issue of text and visibility of homosexual pain by oppressions that permeated both the political issue as literary. Thus, it is intended to emphasize the silences imposed by legal and governmental systems, whether in "democracies" or "dictatorships"; whether in the prison context, the emergence of the Holocaust and the authoritarianism of America, as in the homosexual illness during the AIDS epidemic. Thus, there is based on the testimony of the French Pierre Seel (1923-2005) - first French homosexual deported during World War II to report his experience in book, "I, Pierre Seel, homosexual deported" (1994) - and Cuban Reinaldo Arenas (1943-1990) - persecuted for being a homosexual writer by Cuba of the 1960s and 1970s, and exiled in the United States, write the book "Before night falls" (1992), after suffer the existing prejudice from genocide represented by AIDS throughout the 1980s, culminating in his suicide.

Keywords: Homosexuality, literature, testimony, trauma.

Artigo recebido em 01/11/2016 e aceito em 03/12/2016.

TRAUMA E DISCURSO: VISIBILIDADE E MEDIAÇÃO DO HOMOSSEXUAL ENQUANTO VÍTIMA

GUIDO VIEIRA AROSA

1. Introdução

A partir do final dos anos 1800, a homossexualidade passa a “existir” e a relação sexual flagrada ou denunciada entre pessoas do mesmo sexo deixa de ser considerada apenas prática isolada e deturpada (sodomia) – punida, durante a Inquisição do século XV, por exemplo, na América e na Europa, com a fogueira –, e passa a ser vista como fator determinante na constituição do sujeito – “O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida”^{II} –, sendo inserido em um discurso médico, criminal e racista, estando então dentro de uma rede patológica:

Em termos da história da produção de identidades sexuais, o final do século XIX é crucial, pois tanto no Brasil quanto na Europa, a ciência médica invade o campo da moral e se empenha na codificação das ‘anormalidades’ sexuais, inventando categorias e descrevendo-as minuciosamente^{III}.

Desta forma, o homossexual fica relegado, com respaldo científico, aos usos políticos e sociais dos atos de isolamento e aniquilação. É nesta perspectiva da comprovação científica da exclusão que o século XX pôde presenciar a prática sistemática da barbárie institucionalizada, independente de regime político ou econômico, cujo intuito foi apenas o de manter marginalizada uma vida, considerada não-vida: “uma figura viva fora das normas de vida não somente se torna o problema com o qual a normatividade tem que lidar, mas parece ser aquilo que a normatividade está fadada a reproduzir: está vivo, mas não é uma vida”^{IV}.

Tendo o cenário, portanto, de criação conceitual da homossexualidade, que este artigo objetiva refletir sobre a emergência e a possibilidade de o homossexual testemunhar e ser reconhecido pela audiência como vítima no século XX, era dos choques e das catástrofes. É muito importante frisar esta “criação conceitual” da homossexualidade, pois é apenas a partir do século XIX que o homossexual será construído como sujeito e é apenas a partir de então que um homem ou mulher passam a se sentir totalmente como tal e, deste modo, podem reivindicar política e judicialmente seus direitos, assim como também sofrer por seu desejo considerado anormal. Afinal, não há experiência sem conceito. Ao longo do século XX, muito do que hoje se considera por abuso sexual não era visto como tal, por exemplo, vide que é apenas hoje que conceitualmente o crime do abuso sexual está legal e psicologicamente estruturado, tanto para a academia, como para a sociedade de forma geral: “During the 1920s no one of any influence took actual sexual abuse very seriously, and so it did not figure in the multiple personality case literature. *We see sexual trauma in the history of Berenice (estudo de caso no texto destacado que é aqui citado), but her psychologist did not*”^V. Da mesma forma, ainda que inserido em um discurso do final do século XIX e início do XX de negar, em geral, a ocorrência de traumas psicológicos laborais e de guerra, posto que vinculados ao oportunismo do proletariado em conseguir reparações financeiras, tem-se que:

In Germany, for example, when Openheim coined the term ‘traumatic neurosis’ in 1889, the law on accidents at work had been in force for four years. In Japan the epidemic came later, in 1911 – exactly one year after the implementation of a similar law. In the last years of the nineteenth and the

TRAUMA E DISCURSO: VISIBILIDADE E MEDIAÇÃO DO HOMOSSEXUAL ENQUANTO VÍTIMA

GUIDO VIEIRA AROSA

early years of the twentieth century, the same coincidence occurred in all the countries that passed laws supporting workers' rights^{VI}.

O que hoje se conhece por catalisadores de uma resposta traumática (abuso sexual, acidente de trabalho, preconceito, guerras etc.) não era necessariamente visto deste modo em outros períodos históricos, o que faz com que se coloque em jogo a questão agora naturalizada do que se concebe por traumático. O trauma seria algo ontológico? O trauma seria algo construído socialmente? O trauma hoje precisa ser vislumbrado como uma mistura de ambas as perspectivas?

Surgido a partir de estudos de Charcot, Openheim, Freud etc., desde a segunda metade do século XIX até o progresso do XX, o trauma transforma-se e não é o mesmo desde sua “criação”. De início, pensava-se o trauma como uma ferida física neuronal perceptível, tendo surgido seu estudo a partir da modernidade, onde muitos trabalhadores e transeuntes se acidentavam ao passar pelas linhas ferroviárias em ascensão na Europa. Ferida neuronal perceptível, que culmina em uma resposta “aproveitadora” do proletariado que vislumbrava reparações monetárias com sua suposta impossibilidade de trabalhar. Tal reação ao trauma é vista também com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), onde os soldados que retornavam do campo de batalha deveriam ser vistos como vitoriosos, e aqueles que voltavam “silenciosos”, como destaca Benjamin, encarados como fantasmas fracassados e indignos de orgulho da pátria (o cemitério jardim, que naturaliza e “embeleza” a morte, assim como o monumento ao soldado anônimo que, afinal, morto pela bravura, são fenômenos surgidos principalmente neste período: leia-se, melhor morrer pela pátria do que voltar limitado e covarde da luta nacionalista). Cenário ligeiramente oposto, mas ainda contraditório, ao percebido em guerras mais contemporâneas, como a do Vietnã (1955-1975), onde o soldado americano psicologicamente debilitado pela guerra é encarado por determinados setores como herói da pátria e/ou vítima de uma engrenagem bélica torpe (dependendo da perspectiva, caso você seja contra ou a favor da guerra). A própria concepção de monumentos de guerra se transforma, surgindo o anti-monumento, que frisa o efeito traumático dos combates. A percepção de quem recebe o trauma varia de acordo com o tempo histórico, percebe-se.

Portanto, ao refletir sobre a visibilidade ou invisibilidade de alguém ser considerado vítima de um evento-limite (os judeus, os homossexuais, os armênios, os soldados, os escravos etc.) – e de o próprio evento ser encarado como uma catástrofe que promove reações traumáticas –, se analisa com isso a viabilidade política, social e conceitual de em um determinado período se considerar alguém passível de ser vítima, passível de se sentir por ele luto: “From a sociological perspective, however, evil is epistemological, not ontological. For a traumatic event to have the status of evil is a matter of its *becoming* evil. It is a matter of how the trauma is known, how it is coded”^{VII}.

Deste modo, retomando a questão do cenário de possibilidade de emergência do discurso da vítima, do trauma e do homossexual, há dois eventos-limite fundamentais que podem ser utilizados para analisar esta guinada subjetiva do homossexual enquanto traumatizado pelo outro, que expõe ou silencia seu sofrimento: a Segunda Guerra Mundial e seus consequentes campos de extermínio (1939-1945), assim como a epidemia de AIDS, a partir do início dos anos 1980 (subentendendo neste íterim os governos autoritários que cercearam as liberdades homossexuais). Deseja-se, então, perceber, neste trabalho, o modo pelo qual paulatinamente o sujeito homossexual

TRAUMA E DISCURSO: VISIBILIDADE E MEDIAÇÃO DO HOMOSSEXUAL ENQUANTO VÍTIMA

GUIDO VIEIRA AROSA

progride de uma invisibilidade a um cenário onde é possível expor seu sofrimento, que reverbera no século XXI em uma imposição de liberdade sexual.

É fundamental destacar, portanto, as implicações teóricas de se ter, em primeiro lugar, uma “invenção conceitual” da homossexualidade a partir do final do século XIX, assim como, na mesma época, o surgimento e aprimoramento do conceito psicanalítico-cultural de trauma; em segundo, uma guinada subjetiva que dá voz e autoridade à vítima a partir do fim da Segunda Guerra Mundial (mas que vítima é essa que pode falar?), tendo como suporte de divulgação da dor a literatura de testemunho, a imprensa e os programas de televisão; e, por último, um clamor identitário e minoritário de empoderamento do sujeito que sofre pela normatividade opressora. No entanto, deve-se perceber que a exposição do sofrimento homossexual é ainda vacilante e encontra barreiras, mesmo depois da possibilidade de seu surgimento. É, assim, com base nestas premissas que aqui se articula a compreensão de um sujeito que expressa em seu testemunho questões que envolvem culpa, vergonha e identidade.

Após o exposto anteriormente, percebe-se, portanto, o caráter estrutural das narrativas de violência e trauma, tendo em vista que elas não são naturalizadas e transformam-se com o passar do tempo. Hoje, no século XXI, é extremamente corriqueiro e até banal perceber a Segunda Guerra Mundial como um evento que teve por objetivo dizimar judeus, homossexuais, comunistas e outras minorias identitárias. Além disso, é também natural perceber esta guerra como a guerra da vítima e do trauma, se passando com isso a impressão de que todas as guerras anteriores também tiveram esta mesma percepção vitimadora e traumatizante. No entanto, como já se pôde perceber neste artigo, construiu-se culturalmente a ideia de vítima e de trauma com o passar dos anos. Sendo assim, deseja-se analisar duas obras literárias de dois homossexuais perseguidos ao longo do século XX, um vítima da deportação contra o homossexual na Segunda Guerra Mundial – o francês Pierre Seel com seu livro “Eu, Pierre Seel, deportado homossexual”, publicado em 1994 – e outro perseguido pelo regime comunista de Fidel Castro, que considerava a homossexualidade vício burguês, ainda passível de ser vítima mesmo após as atrocidades vivenciadas pelos homossexuais nos campos de extermínio europeus – o cubano Reinaldo Arenas com o testemunho “Antes que anoiteça”, publicado originalmente em 1992.

Associar uma seção de trabalho ao surgimento da homossexualidade e ao trauma evidentemente não faz supor que se esteja associando o trauma à homossexualidade, posto que ser homossexual em si não é ruim e muito menos traumático, mas sim quer-se dizer que, em uma concepção relacional, entende-se como traumático o modo como a sociedade enxerga o homossexual. Deste modo, o homossexual se vê perpassado por este preconceito e esta rejeição contra sua identidade. Portanto, não é a homossexualidade um trauma, mas sim a forma como ela é percebida. Como a homossexualidade só existe corporificada, o homossexual não é um trauma, mas sim a forma como ele é percebido. Como o filme de Rosa Von Praunheim, “Não é o homossexual que é perverso, mas a situação em que ele vive” (1971).

2. Visibilidade e invisibilidade da dor homossexual

Este texto tem como pano de fundo teórico duas obras de testemunho homossexual, uma produzida pelo cubano Reinaldo Arenas (1943-1990) e outra pelo francês Pierre Seel (1923-2005): respectivamente “Antes que anoiteça” (lançado em

TRAUMA E DISCURSO: VISIBILIDADE E MEDIAÇÃO DO HOMOSSEXUAL ENQUANTO VÍTIMA

GUIDO VIEIRA AROSA

1992, na Espanha) e “Eu, Pierre Seel, deportado homossexual” (lançado em 1994, na França).

Arenas descobre-se com AIDS, nos Estados Unidos – para onde se refugiara no começo dos anos 1980, fugindo das torturas, prisão e exclusão social do governo de Fidel Castro – e é a partir de então, acreditando na certeza da morte (e diante do trauma que foge à compreensão em linguagem que foi a epidemia em seus anos iniciais para o cidadão homossexual), que o escritor começa a gravar fitas relatando os anos de clandestinidade em Cuba, quando foi proibido de escrever, por seus textos terem sido taxados de contrarrevolucionários e homossexuais. Além do relato de “luta e esperança” política e identitária que o escritor se propõe a realizar com seu livro-epitáfio, também se pode ver no relato uma tentativa de contemplar o horror que foi, para ele, ser soropositivo: “Percebo que estou quase chegando ao fim deste apresentação, que na verdade é o meu fim, e não falei da AIDS. Não posso fazer isso, pois não sei o que é. Ninguém sabe, com toda a certeza”^{VIII}.

“Antes que anoiteça” é, então, finalizado em agosto de 1990 e o autor suicida-se em dezembro, sendo o livro publicado, na Espanha, dois anos depois. No entanto, como relata o escritor Caio Fernando Abreu (que o leu na Europa, em 1992) em texto para “O Estado de S. Paulo”, de 27 de novembro de 1994, a recepção da obra no Brasil foi difícil: “Voltando ao Brasil, quis traduzí-lo. Ninguém quis. Muito deprimente, diziam, pouco comercial”^{IX}. A obra sai então, finalmente, em 1994, pela Editora Record. Apesar de tudo, desde a primeira edição até a última, de 2009, a editora falha na diagramação e exclui a última frase do livro: “Cuba será libre. Yo ya lo soy”, presente ao fim da carta de despedida do escritor, na iminência de seu suicídio, o que mostra o descaso para com sua obra.

Já o francês Pierre Seel – que ao longo da vida busca uma carapaça heteronormativa –, em 1941 foi deportado para um campo de concentração, após ser fichado pela polícia por frequentar um parque onde havia encontros gays, e no campo presencia a morte de seu companheiro comido vivo por cães, dentre outras atrocidades. “Eu, Pierre Seel, deportado homossexual” é considerado o primeiro relato testemunhal em livro de uma vítima homossexual francesa da Segunda Guerra. O livro foi lançado no Brasil apenas em 2012, como parte do mestrado de Tiago Elídio, na Unicamp, defendido em 2010. Tal como escritores que passaram pelo trauma de Auschwitz afirmam que provavelmente nunca teriam escrito caso não houvessem sido vítimas e testemunhas de violência tão profunda, Seel expõe este seu texto. Transpassado pela questão do silêncio (“Sempre essa camuflagem, essas meias-verdades, essa obrigação do segredo”^X) e da vergonha (“Essa vergonha, feita de mil vergonhas”^{XI}), o relato escrito existe por meio do relato oral do francês ao jornalista Jean Le Bitoux. A questão do testemunho é ainda mais complexa e desejosa de análise mediante o fato de que quem testemunha é vítima e testemunha ao mesmo tempo:

É o duplo status de vítima e testemunha, o fato de a autoridade da verdade se confundir com a da experiência, a indissolubilidade entre parte interessada e parte desinteressada, entre experiência da objetivação e enunciação subjetivante de fatos objetivos, que confere a especificidade do testemunho^{XII}.

Ao analisar comparativamente os textos provenientes da experiência-limite de dois homossexuais, deseja-se demonstrar a possibilidade de se pensar os testemunhos do cubano Reinaldo Arenas – “testimonio”, inserido em um contexto de autoritarismo

TRAUMA E DISCURSO: VISIBILIDADE E MEDIAÇÃO DO HOMOSSEXUAL ENQUANTO VÍTIMA

GUIDO VIEIRA AROSA

na América (seja autoritarismo comunista em Fidel Castro como também capitalista nos Estados Unidos, onde o escritor afinal de contas se matou) – e do francês de origem alsaciana Pierre Seel – da “Shoah”, inserido no contexto do autoritarismo da Europa que culminou na Segunda Guerra Mundial – como na verdade inseridos em um contexto maior e sem fronteiras da consequência da experiência traumática, como pondera uma das notas de rodapé do livro de Pierre Seel:

Tony Lainé: “Os grandes traumas da história têm, de modo considerável, destinos idênticos àqueles que afetam um indivíduo. São enterrados, tapam-se as brechas, mas desde o momento em que a memória os afasta, permanecem inalterados, com a carga emocional que lhe é associada intacta” – Prefácio da obra de George Eisen, *Les Enfants pendant l’holocauste*, Calmann-Lévy, 1993, p.10^{XIII}.

Em relação a Reinaldo Arenas é necessário dizer que seus arquivos estão preservados na Universidade de Princeton, nos EUA, e é muito conveniente o discurso deste país em relação ao ressentimento de Arenas para com sua terra natal, Cuba, vide os conflitos daquele país com a ilha. É necessário frisar, no entanto, que Arenas também criticou veemente a política e a sociedade dos EUA e que ele recebeu toda carga de preconceito contra a AIDS e, conseqüentemente, contra a homossexualidade, nos EUA. Não se pode deixar de lado esta informação, principalmente ele tendo se matado por conta da doença. Tanto em seu testemunho como em seus livros, o autor deflagra as lacunas de uma sociedade americana comprometida com vícios e preconceitos:

Compreendi que a guerra recomeçava, mas agora sob uma forma muito mais velada; menos terrível que a guerra de Fidel Castro contra os intelectuais em Cuba, mas nem por isso menos sinistra. Nada disso me surpreendeu; já sabia que o sistema capitalista também era sórdido e mercantilista (...) ‘A diferença entre o sistema comunista e o capitalista é que, embora os dois nos deem um chute na bunda, no sistema comunista a gente leva o chute e tem que bater palmas; no capitalista, a gente também leva, mas pode gritar^{XIV}.

Quer-se articular aqui, portanto, a forma como o sexo é interferido (e interditado) pela política e o modo como a literatura alcança de forma distinta (mas semelhante) os autores Reinaldo Arenas e Pierre Seel. Portanto, almeja-se neste texto estudar o trauma homossexual como relegado ainda ao segundo nível das discussões teóricas da literatura de testemunho.

Sendo assim, os dois autores vivenciaram, no contexto europeu e americano, experiências-limite – “A experiência-limite é a experiência daquilo que existe fora de tudo, quando o tudo exclui todo o exterior, daquilo que falta alcançar, quando tudo está alcançado, e que falta conhecer, quando tudo é conhecido: o próprio inacessível, o próprio desconhecido”^{XV} – que desembocaram em seus relatos-gritos publicados nos anos 1990. O objetivo, então, em analisar ambas as obras comparativamente, é encontrar pontos de convergência, a partir da homossexualidade renegada pelo mundo e até mesmo pela própria economia simbólica da literatura de testemunho, que aproximem as teorias sobre o testemunho literário da Shoah (majoritariamente sobre os judeus na Segunda Guerra) – que prioriza a cisão do sujeito atingido pelo trauma e a questão da memória – e o testemunho da América Latina, conhecido por “testimonio” (que relata de forma mais ampla a questão das camadas oprimidas camponesas, indígenas, ditaduras militares) – que por sua vez enfoca o relato histórico e jornalístico da testemunha diante das mazelas do subdesenvolvimento (geralmente o relato tendo

TRAUMA E DISCURSO: VISIBILIDADE E MEDIAÇÃO DO HOMOSSEXUAL ENQUANTO VÍTIMA

GUIDO VIEIRA AROSA

um mediador jornalista ou antropólogo). Literatura de “testimonio” considerada pelo cânone como “fundada” pela Casa de las Américas da Cuba pós-Revolução de 1959^{XVI}. No entanto, vale lembrar que é este mesmo país e esta mesma Casa de las Américas que proporcionou o “apagamento” de Reinaldo Arenas e impediu seu próprio relato testemunhal, já que nos anos 1970 o autor não figurava da lista oficial de escritores de seu país e, quando preso pelo regime, seu nome também não constava em nenhuma prisão^{XVII}. É esta parcialidade do testemunho que se deseja aqui frisar.

Deste modo, a partir do exposto, entende-se o testemunho de Arenas como uma luta contra o fim iminente, como ele próprio escreveu, ao ressaltar que matar-se não significaria um acovardar-se – “Minha mensagem não é uma mensagem de derrota, mas sim de luta e esperança”^{XVIII} – frente ao autoritarismo do governo de Fidel Castro, que o autor crê como o causador de todas as suas mazelas, até mesmo da AIDS: “certamente não teria sofrido isso se pudesse ter vivido livre em meu país”^{XIX}. Aqui, entende-se que evidentemente Arenas poderia ter contraído o vírus do HIV caso tivesse permanecido em Cuba sem as repressões, é evidente, mas explicita-se a força retórica de associar até mesmo sua morte (a morte em si da homossexualidade, perpetrada, sim, pelo governo de Fidel Castro no século XX) à falta de liberdade.

Assim como, para todos os efeitos, Arenas exila-se do morrer pela AIDS, já que suicida-se, o autor também inverte o jogo da força simbólica literária ao proibir que seus livros, já fazendo sucesso ao redor do mundo, sejam publicados em Cuba até a morte de Fidel Castro. Ou seja, antes proibido e agora proibidor. Os livros permanecem circulando clandestinamente em Cuba e, objetivamente, continuam “proibidos”. Mas a força desta proibição, vinda de Arenas, agora, é outra: libertária, como ele sempre desejou ser. A vítima venceu seu algoz. Durante os anos 1990 e os anos 2000 (depois, portanto, da morte e protesto de Arenas), Cuba se expõe como um país aberto ao homossexual e, em 2010, Fidel chega até a reconhecer que houve perseguição aos homossexuais, ainda que considere ter sido o fato motivado por uma conjuntura inerente ao período no mundo.

Quando se afirma aqui sobre uma “indiferença” da economia simbólica das edições de textos testemunhais para com o homossexual, expõe-se com isso o fato de, por exemplo, relatos de judeus perseguidos já serem publicados logo após a Segunda Guerra Mundial, como os mais conhecidos – “Diário de Anne Frank” e “É isto um homem?”, ambos de 1947, por mais que o último, de Primo Levi, só tenha ganhado fama a partir da segunda edição, em 1958 – ao passo que o homossexual (escritor homossexual, escrevendo um texto homossexual, dizendo-se ele mesmo homossexual) passa a narrar-se com mais vigor e consistência a partir do final dos anos 1970 e início dos 1980, com a disseminação dos Estudos Culturais e dos movimentos minoritários-identitários e, principalmente, nos anos 1980, 1990, a partir da epidemia de AIDS que dizimou milhares de homossexuais em genocídio, vide o surgimento em massa de testemunhos gays sobre a doença. A peça de teatro “Bent”, primeira narrativa dramática sobre o homossexual deportado durante a Segunda Guerra, surge apenas em 1979; e o primeiro francês homossexual vítima do Holocausto a testemunhar, Pierre Seel, aqui analisado, o faz anonimamente pela primeira vez a uma revista apenas em 1981 e, oficialmente, só em 1994. Como destaca Pollak:

Uma pesquisa de história oral feita na Alemanha junto aos sobreviventes homossexuais dos campos comprova tragicamente o silêncio coletivo daqueles que, depois da guerra, muitas vezes temeram que a revelação das razões de seu internamento pudesse provocar denúncia, perda de emprego ou

TRAUMA E DISCURSO: VISIBILIDADE E MEDIAÇÃO DO HOMOSSEXUAL ENQUANTO VÍTIMA

GUIDO VIEIRA AROSA

revogação de um contrato de locação. Compreende-se porque certas vítimas da máquina de repressão do Estado – SS – os criminosos, as prostitutas, os ‘associais’, os vagabundos, os ciganos e os homossexuais – tenham sido conscientemente evitadas na maioria das ‘memórias enquadradas’ e não tenham praticamente tido voz na historiografia. Pelo fato de a repressão de que são objeto ser aceita há muito tempo, a história oficial evitou também durante muito tempo submeter a intensificação assassina de sua repressão sob o nazismo a uma análise científica^{XX}.

Deve-se frisar no entanto que, diferente do que hoje se pode supor, não é imediatamente no pós-Segunda Guerra Mundial que o povo judeu é reconhecido como vítima principal do Holocausto/Shoah e nem é no imediato pós-guerra que este conflito é lido pela chave do trauma da vítima^{XXI}. Apenas ao longo dos anos 1960 em diante que análises focadas no judeu como vítima-chave do nazismo passam a ocorrer, sendo os Estados Unidos país onde se concentrou grande parte dos estudos e análises a partir, em linhas gerais, 1) do julgamento de Eichmann, onde muitas vítimas testemunharam, diferente do julgamento de Nuremberg; 2) um ambiente nos EUA que passa a frisar as singularidades identitárias dos americanos – como o afro-americano e o judeu-americano; 3) passando até à presença contraditória dos EUA no Vietnã, em contraste ao heroísmo americano durante a guerra dos anos 1940.

É importante entender o contexto da Segunda Guerra Mundial pela questão do ineditismo do que se conheceu por “solução final” e também pelas vítimas dos campos que testemunharam se tornarem fundamentais para a disseminação dos estudos psicanalíticos do trauma, da vítima e da literatura de testemunho, criando um terreno fértil para o estudo de outros eventos anteriores e posteriores à Segunda Guerra, que passaram a receber um embasamento teórico semelhante em relação à abordagem traumática e da vítima, como, por exemplo, ditaduras militares, escravidão, AIDS, como também outros casos ainda não oficialmente reconhecidos, como o massacre armênio. Em relação ao “ineditismo” da “solução final” da Segunda Guerra, o depoimento do historiador Raul Hilberg ao filme “Shoah”, de 1985, de Claude Lanzmann:

Surpreendentemente, pouco foi inventado, até o dia em que, claro, foi preciso ir além de tudo o que já tinha sido feito e gasear aquelas pessoas, ou seja, aniquilá-las em massa. Então aqueles burocratas tornaram-se inventores. Mas como todos os fundadores, não patentearam suas realizações, preferiram a obscuridade (...). Inventaram com a Solução Final. Essa foi sua grande invenção e foi nisso que o processo inteiro foi diferente de tudo que o precedera. Com relação a isso, o que se produziu, quando a Solução Final foi adotada ou, para ser mais exato, quando a burocracia ocupou-se dela, foi um momento decisivo na História^{XXII}.

Este cenário de “atraso” no direto ao grito homossexual (percebido, principalmente, no silêncio durante a maior parte da vida em relação à homossexualidade de Pierre Seel) se dá por conta da ainda vigência de leis contra os homossexuais na Europa (vide o Parágrafo 175 que chega à França a partir da ocupação alemã durante a Segunda Guerra, mas que se mantém em vigência até os anos 1980, 1990) e na América, mesmo após a criação da ONU e da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Em relação ao Parágrafo 175 mencionado aqui, é importante ressaltar que foi uma lei que equiparava a relação homossexual ao sexo com animais, criada na Alemanha em 1871, sobrevivendo no país até o ano de 1979^{XXIII}, sendo revogado efetivamente apenas em 1994, com a reunificação das Alemanhas Ocidental e

TRAUMA E DISCURSO: VISIBILIDADE E MEDIAÇÃO DO HOMOSSEXUAL ENQUANTO VÍTIMA

GUIDO VIEIRA AROSA

Oriental. Já no contexto francês, não havia nenhuma lei desde o Código Napoleônico, datado de 1792, que perseguisse criminalmente a “sodomia”. No entanto, com a ocupação alemã na França durante a Segunda Guerra, instaura-se o Parágrafo 175 no país, a partir de 1942. A lei, na França, foi abolida apenas em 1982, durante o governo de François Mitterrand^{XXIV}, anos depois, portanto, do fim da guerra. Ainda no contexto de leis proibitivas da homossexualidade, no contexto soviético de deportação, “Stálin, algumas semanas antes de Hitler, deportou, a partir de 1933, os homossexuais de seu país por ‘decadência burguesa’, promulgando uma lei que só recentemente foi revogada por iniciativa de Boris Ieltsin, em 1993”^{XXV}.

‘Após a Libertação, o principal obstáculo é, obviamente, a recusa de todas as autoridades em reconhecer a deportação homossexual. E o medo que se desenvolveu nas vítimas (como considerar erro deles?), de esconder geralmente a verdadeira razão da sua deportação, se fosse por causa da sua homossexualidade. Afinal, tal confissão, antes de mais nada, até mesmo nos anos sessenta, só lhes teria causado uma nova condenação penal’ – Guy Hocquenghem, op.cit., p.137^{XXVI}.

Como destaca Pasolini, no contexto do homossexual nos campos de concentração da Segunda Guerra:

“(Os homossexuais, diferenciados por um triângulo rosa, eram submetidos a tratamentos particularmente abomináveis. São entretanto os únicos que, depois da guerra, nunca tiveram direito a uma indenização.)” Inclusive – podemos acrescentar – são os únicos para quem as coisas continuam essencialmente como antes, sem o menor sinal de uma forma qualquer de ressarcimento^{XXVII}.

Como afirma Seel, mesmo após sua libertação da guerra, sobre a manutenção para o homossexual de um interdito: “Eu retornei, finalmente, à Alsácia, com todos os últimos. Na estação de Mulhouse, a imprensa nos aguardava. Respondi suas perguntas de maneira bem lacônica, pois, no meu caso, não era possível contar tudo”^{XXVIII}. Em seu caso, é apenas em 1992 que consegue ganhar uma indenização do estado francês, após tornar-se pessoa pública e ser reconhecido como o primeiro homossexual francês deportado durante a guerra a testemunhar, vide seu depoimento anônimo, em princípio, no começo dos anos 1980, a uma famosa revista gay francesa e a seu enfrentamento explícito, na mesma década, contra um religioso que insultou a dignidade dos homossexuais:

Datado de 11 de fevereiro de 1992, um documento (...) confirma a Pierre Seel a obtenção da sua qualidade de ‘pessoa forçada ao trabalho em país inimigo (...). Pelos seus sofrimentos e seus perigos, Pierre Seel foi recentemente indenizado com um cheque no total de 9.100 francos...^{XXIX}

A vítima homossexual do Holocausto demora a ser reconhecida, de fato, como vítima, como também a vítima homossexual de outros eventos históricos, como as das ditaduras e dos governos ditos “democráticos”, pela manutenção do interdito moral da homossexualidade. Este cenário muda um pouco com a emergência da epidemia de AIDS, onde muitos homossexuais vieram à tona testemunhar seu sofrimento e criou-se um terreno propício para a emergência de testemunhos anteriormente silenciados, mas é débil e vacilante, pois o homossexual muitas vezes mantém-se no lugar do equívoco, como nos casos em que o heterossexual é tido como vítima real da doença, quando

TRAUMA E DISCURSO: VISIBILIDADE E MEDIAÇÃO DO HOMOSSEXUAL ENQUANTO VÍTIMA

GUIDO VIEIRA AROSA

infectado por meio de transfusões sanguíneas, enquanto o homossexual mantém-se no local do culpado, e não da vítima, pois a AIDS seria uma doença vinculada à sexualidade e perpetrada por sua promiscuidade sexual. Além disso, a AIDS mantém-se trauma pois vivida isoladamente pelo homossexual em agonia^{XXX}. Percebe-se a AIDS ainda como o trauma interdito pois mesmo que vítima, o homossexual é ainda encarado como algoz, por ser o portador da doença moral. O homossexual, e principalmente ele, ainda tem medo da AIDS e medo de dizê-la.

Esta interdição de se compreender a AIDS e de dizê-la é percebida também na troca de correspondências entre Arenas, nos Estados Unidos, e sua mãe, ainda vivendo em Cuba. Em nenhum momento o filho dirige-se diretamente à mãe afirmando ser portador de tal vírus, no máximo dizendo “estar muito doente”. Já a mãe, em nenhum momento também encara no filho o fato de ele ser aidético, referindo-se ao vírus ao mostrar-se preocupada com um cunhado seu, que está infectado e dizendo ao filho para cuidar-se muito e se precaver dos perigos. Ambos sabiam da AIDS, mas ambos não conseguiam dar nome a esse horror e a seus medos. No entanto, mesmo antes de saber-se objetivamente com AIDS, no inverno de 1987, Arenas já havia escrito um conto que versava sobre a doença, chamado “Mona”, o que expressa a ocorrência corriqueira entre os homossexuais de um medo de uma suposta “certeza” de que ele, por ser homossexual e estar portanto inserido neste genocídio não explicitado, seja a próxima vítima^{XXXI}. Entender este enigma e este segredo da AIDS é compreender que, portanto:

As principais características da experiência da doença são o segredo e o silêncio, e na medida do possível a manutenção de uma continuidade da vida: tudo muda na visão que o doente tem de si mesmo, mas nada deve mudar na imagem que os outros têm dele. A isso se junta o fato de que a doença, tendo-se tornado evidente, devolve à pessoa doente uma imagem de sua identidade homossexual que já não existe, uma vez que esta, justamente, relativiza essa parte no indivíduo à medida que seus desejos sexuais diminuem e que ele concentra sua atenção em suas necessidades mais imediatas e na reflexão do sentido a dar a sua doença e a sua vida diante da morte^{XXXII}.

“Mas agora algo muito mais poderoso, mais misterioso e sinistro do que tudo o que acontecera antes parecia assumir o controle da situação; não havia salvação (...). Condenação; foi assim que interpretei o fato (...); infelizmente estava certo”^{XXXIII} diz Arenas quase nas últimas frases de seu testemunho. “Condenação”, neste caso, pressupõe culpa, portanto é aqui típica a crença de que o homossexual portador do vírus do HIV foi agente definidor de sua condição – ele buscou a doença, ele a quis, ele a desejou, como se aqui ecoasse – ele buscou sua própria morte:

A transmissão sexual da doença, encarada pela maioria das pessoas como uma calamidade da qual a própria vítima é culpada, é mais censurada do que a de outras – particularmente porque a AIDS é vista como uma doença causada não apenas pelos excessos sexuais, mas também pela perversão sexual (...). Uma doença infecciosa cuja principal forma de transmissão é sexual necessariamente expõe mais ao perigo aqueles que são sexualmente mais ativos (...). Contrair a doença através da prática sexual parece depender mais da vontade, e portanto implica mais culpabilidade^{XXXIV}.

Entende-se, já no que diz respeito ao homossexual doente, os anos 1980, por conta da AIDS, como crucial para o movimento gay identitário e de possibilidade de um discurso do homossexual enquanto vítima, vide a guinada subjetiva que ocorre com a doença.

TRAUMA E DISCURSO: VISIBILIDADE E MEDIAÇÃO DO HOMOSSEXUAL ENQUANTO VÍTIMA

GUIDO VIEIRA AROSA

Em linhas gerais, o liberalismo sexual (transa-se com todos e limitar-se a uma prática sexual única é prejudicial à potencialidade infinita do sujeito) dos anos 1960 e 1970 fica de lado e passa-se a existir uma necessidade de afirmar-se identitariamente enquanto homossexual, para a formação de uma comunidade de ajuda e salvação.

Neste sentido, é importante destacar a precária recepção, pela crítica brasileira, nos anos 1980, do texto do homossexual portador do vírus do HIV, que testemunhava seu trauma: o de, então, deparar-se com o jugo da morte e do preconceito. Esta “literatura do eu” que põe, no mesmo patamar teórico, o texto do trauma com o texto autobiográfico generalizado é perigosa, pois não lida com as consequências e imbricações da experiência-limite, como aqui neste texto se trabalha. Abordando dois críticos (Flora Sussekind e Silviano Santiago) que analisaram a temática dos textos do eu, Marcelo Bessa frisa as críticas negativas feitas por Flora, por exemplo, em relação a estes textos confessionais:

Flora tem sua preferência por aqueles escritores que tenham driblado essa armadilha geracional, ou seja, que não estivessem ligados a um referencial tão próximo (...). Desse modo, a ‘literatura do eu’ – ou o ‘cárcere do eu’ – é, para Flora, uma das opções estéticas mais comuns do período e, também, a saída criativa mais fraca e barata^{xxxv}.

Esta forma com a qual o texto do homossexual deportado e do homossexual doente é apresentado destaca uma relação intrínseca que ainda existe entre culpa e vergonha do sujeito gay que se narra. Vergonha, em primeiro lugar, que surge do constrangimento de o sujeito homossexual assumir-se para uma audiência preconceituosa e violenta, vergonha de assumir-se como a própria “vergonha da família”; e culpa, por sua vez, por sentir-se propagador de um mal, uma doença, que é proveniente dele e que dizimará os seus irmãos homossexuais, assim como a culpa religiosa de ser o mal do universo. O texto do homossexual que se narra é permeado por uma concepção de “confissão de culpa” que é intrínseca a esta narrativa. Ver os trabalhos do artista plástico cearense José Leonilson (1943-1993), homossexual morto em consequência da AIDS, é perceber uma confissão de atos e práticas sexuais, assim como deparar-se com o constrangimento e a culpa de partilhar com a família e amigos sua condição de homossexual doente, moralmente doente, moralmente com AIDS. Da mesma forma que ao se ler os textos autobiográficos do jornalista homossexual francês, também com AIDS, Hervé Guibert (1955-1991), é também deparar-se com este mesmo viés “confessional” de uma “culpa”. Todo o livro de Bessa^{xxxvi}, que trabalha a questão autobiográfica homossexual da AIDS, está recheado deste mesmo teor.

Portanto, parte-se da premissa de que o homossexual que se narra o faz a partir de um grande sentimento de culpa-vergonha, ainda que ele deseje encontrar, na audiência, um olhar compreensivo, uma audiência não preconceituosa, um público que afaga. No entanto, a audiência do texto homossexual pode ser bem cruel, como se percebe com a trajetória de vida de Reinaldo Arenas, por exemplo. Mas sempre haverá, como existe aqui pelo menos no autor deste artigo, uma audiência que irá compreender e tentar dissecar o texto de culpa-vergonha do homossexual, para que utopicamente toda sociedade passe a enxergá-lo como alguém passível de amor:

O testemunho, por sua vez, supõe um duplo endereçamento. De um lado, é endereçado ao indivíduo qualquer. Ao invés de pressupor a diferença na capacidade de se conduzir na vida, o testemunho pressupõe a igualdade entre os interlocutores e posiciona o indivíduo qualquer como tolerante e

TRAUMA E DISCURSO: VISIBILIDADE E MEDIAÇÃO DO HOMOSSEXUAL ENQUANTO VÍTIMA

GUIDO VIEIRA AROSA

compassivo. De outro lado, o testemunho se apresenta como desafio endereçado àquele que fez o indivíduo sofrer. Por pedir a compreensão e desafiar os que não compreendem, quem escuta um testemunho está constringido a optar entre duas posições morais claramente hierarquizadas: ou é o tolerante que presta solidariedade, ou é o preconceituoso que faz sofrer e recusa ajuda^{XXXVII}.

Exemplo desta imposição de concordância com o testemunho é o caso, inserido já no contexto da vítima e na autoridade inquestionável de seu relato, do filósofo francês Robert Faurisson, que em 1979 escreveu um artigo para um jornal francês negando a ocorrência do Holocausto (subentende-se: não houve a morte em massa dos judeus por Hitler). Este tipo de cenário negacionista naquela época já não era mais possível (pode-se discutir sua possibilidade ao longo dos anos 1940 e 1950), mas em plena década de 1970 a sociedade já estava culturalmente concordante no que tange ao trauma que foi para, principalmente ainda, o judeu, os campos de extermínio. Não há mais a possibilidade de terreno fértil para qualquer tipo de argumentação, hoje, em contrário, posto que Faurisson foi totalmente excluído dos círculos sérios de debate e judicialmente punido pelo governo francês.

3. Liberdade e progresso

A consideração de Vaz *et.al.*^{XXXVIII} de que o testemunho pressupõe uma imposição de tolerância da audiência é muito importante para se problematizar o fato de a liberdade sexual, no caso da homossexualidade, ser mesclada com o conceito de avanço progressista de uma sociedade. A sociedade contemporânea subentende que uma nação, uma sociedade ou um determinado grupo são desenvolvidos ao não possuir preconceitos de valor contra qualquer tipo de sexualidade vigente. Com isso, atribui-se aos países e grupos que não possuem tal desenvoltura para a “liberdade sexual” como países subdesenvolvidos e moralmente piores em relação aos demais, devendo sofrer algum tipo de sanção da sociedade desenvolvida. Esta é uma premissa perigosa, pois abre precedentes que se utilizam de uma suposta liberdade do bem para promover sanções que se equiparam à censura e incompreensão cega da cultura alheia.

Quando o governo francês proíbe pessoas físicas de se vestirem utilizando trajes típicos muçulmanos – leia-se: mulheres usando burca – com a justificativa de que isso é ferir o direito da liberdade da mulher, não é nada além do que um preconceito cultural em relação à sociedade do outro, pois está se medindo com os mesmos parâmetros ideológicos de liberdade o corpo do outro. Pedindo por uma determinada liberdade, o governo francês ocidental e “desenvolvido” acaba por cercear a liberdade religiosa de outro cidadão. Este é um exemplo do que a suposta liberdade de costumes é capaz de fazer para acabar com a suposta falta de liberdade do outro.

A homossexualidade é um ótimo exemplo deste fato ao passo em que governos como o dos Estados Unidos promovem a tortura contra a sociedade muçulmana ao vilipendiar o interdito do corpo e da sexualidade naquela sociedade. Ao colocar prisioneiros nus um diante do outro, simulando relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, masturbação e exposição do homem nu a uma mulher, o governo dos Estados Unidos promove a tortura do outro por meio da promoção da vergonha daquele indivíduo, ao passo também que as torturas são amplamente divulgadas por diversos meios de comunicação, “from a logic of torture based on guilt to a logic of torture based on shame”^{XXXIX}. Este tipo de tortura, o da homossexualidade, em uma sociedade

TRAUMA E DISCURSO: VISIBILIDADE E MEDIAÇÃO DO HOMOSSEXUAL ENQUANTO VÍTIMA

GUIDO VIEIRA AROSA

supostamente desenvolvida perderia o sentido em absoluto, pois uma sociedade com ideologia progressista não pensa que a homossexualidade seja um tabu, mas sim uma libertação. No entanto, esta suposta liberdade de costumes é utilizada por quem dela usufrui de forma equivocada: promovendo a negação da realidade do outro e, portanto, acabando com a comunidade do nós, vide que, se o soldado heterossexual está promovendo a tortura por meio da homossexualidade, ele está expondo a sua própria homofobia internalizada. A tortura, que promovia a culpa, agora promove e propaga a vergonha do indivíduo, por sua máxima divulgação (aos familiares, amigos, mundo) e por se utilizar da exposição do muçulmano e de outras culturas menos hegemônicas a seus tabus seculares. Quando a tortura dos Estados Unidos em suas guerras modernas contra o atrasado Oriente Médio promove um bombardeio contra cidades onde nos mísseis lê-se “tomar no cu”, entende-se que o direito à sexualidade, conquistada a duras penas pela sociedade, está sendo utilizada de forma equivocada pelo poder. Quando o governo dos Estados Unidos, sob o comando de George W. Bush, foi criticado pela divulgação das imagens onde os corpos muçulmanos masculinos eram expostos em Abu Ghraib, ainda por cima não ficou claro se o governo americano pedia desculpas pelo fato de o sistema de segurança ser falho ao permitir que tais imagens chegassem ao conhecimento do público, ou se se criticava o ato da tortura em si: “Reconhecer que americanos torturaram seus prisioneiros seria contradizer tudo o que esse governo pediu para que o público acreditasse a respeito das virtudes das intenções americanas e da universalidade dos valores americanos.”^{XL}

Quando Butler^{XLI} destaca o caso do governo holandês, que propõe um questionário para estrangeiros que chegam ao país onde se lê perguntas como: olhar para dois homens se beijando gera desconforto? Frise-se que este tipo de questionário não é necessário para imigrantes que venham de países da União Europeia, trabalhadores qualificados que ganham mais de 45 mil euros por ano, e cidadãos de países como Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Japão e Suíça: “o que significa que nesses países supostamente a homofobia não existe, ou então que o fato de os seus cidadãos trazerem consigo rendimentos elevados tem precedência sobre os eventuais perigos de importar a homofobia”^{XLII}. Ou seja, este tipo de imposição de liberdade dá-se apenas para o mundo e as pessoas “atrasadas”. Tanto a questão da liberdade do uso da burca pelas francesas muçulmanas, como a do caso aqui exposto da Holanda leva à pergunta: “esse exame seria uma forma de testar a tolerância ou representa, na realidade, um ataque contra as minorias religiosas (...) uma coerção cujo objetivo é fazer com que a Europa permaneça branca, pura e ‘secular’ de maneiras que não questionam a violência subjacente a tal projeto?”^{XLIII}

É um bom exemplo de todo este discurso, de uma suposta liberdade que oprime, o caso do jornalista britânico Nico Hines que, em artigo escrito para o site americano The Daily Beast, expôs vários atletas não assumidamente homossexuais, que estavam nas Olimpíadas de 2016 do Rio provenientes de países onde a homossexualidade ainda é punida com a prisão e a morte. O jornalista, heterossexual – tendo se valido da liberdade de seu país e do Brasil de, ainda que heterossexual, fingir-se homo – criou um perfil falso em um aplicativo internacional de celular para encontros entre homens para descobrir quem era homossexual. O jornalista nunca encontrou de fato estes atletas e ainda por cima divulgou seus nomes no artigo que escreveu. Este caso extremo serve para demonstrar como a liberdade do jornalista foi usada de forma equivocado e não se diferencia em absolutamente nada da tortura dos soldados americanos contra o povo muçulmano.

TRAUMA E DISCURSO: VISIBILIDADE E MEDIAÇÃO DO HOMOSSEXUAL ENQUANTO VÍTIMA

GUIDO VIEIRA AROSA

Aqueles que são a favor dessa política alegam que a aceitação da homossexualidade é o mesmo que a aceitação da modernidade (...) a modernidade está sendo definida como algo relacionado à liberdade sexual, e como a liberdade sexual das pessoas gays em particular, é entendida como exemplo de uma posição culturalmente avançada, em oposição àquela que seria considerada pré-moderna^{XLIV}.

Para este tipo de pensamento, crime maior seria o homossexual esconder sua homossexualidade, e não um heterossexual que finge ser homossexual expor a homossexualidade encubada de outrem.

4. Considerações finais

É este complexo percurso, de uma total invisibilidade do homossexual, impossibilitado de testemunhar sua experiência de vida e propulsado ao testemunho mediante eventos catastróficos como os campos de concentração e extermínio ao longo do século XX e a AIDS, até o campo onde a liberdade sexual é utilizada de forma equivocada para renegar e deixar excluída determinada cultura de um sistema, que o mundo depara-se hoje. Como destaca Butler e como este artigo se pretende finalizar: a liberdade deve ser utilizada de forma sadia e ensinada pedagogicamente, não por meio da coerção. A liberdade não pode deixar de ser a vítima para se transformar no algoz. Até porque as sociedades ocidentais capitalistas e desenvolvidas propagam a liberdade para o homossexual, mas em suas entrelinhas promovem seu aniquilamento silencioso. Não é uma equação fácil de achar um resultado – liberdade e não liberdade – porém, é necessário pensar.

É claro que sou a favor dessas liberdades, mas parece que agora preciso também me perguntar se essas liberdades pelas quais lutei, e continuo a lutar, não estão sendo instrumentalizadas com a intenção de estabelecer uma base cultural específica – secular, de modo particular – que funcione como pré-requisito para a admissão do imigrante considerado aceitável^{XLV}.

^I Mestrando em Ciência da Literatura pela UFRJ. Este texto foi produzido com financiamento do CNPq. E-mail: guidovieiraarosa@gmail.com;

^{II} FOUCAULT, 1980, p. 43;

^{III} FRY, 1982, p. 33;

^{IV} BUTLER, 2015, p. 22;

^V HACKING, 1995, p. 86;

^{VI} FASSIN; RECHTMAN, 2009, p. 65;

^{VII} ALEXANDER, 2004, p. 202;

^{VIII} ARENAS, 2009, p. 15;

^{IX} ABREU, 2006, p. 129;

^X SEEL, 2012, p. 95;

^{XI} *Ibidem*, p. 131;

^{XII} PENNA, 2013, p. 91;

^{XIII} SEEL, 2012, p. 160;

^{XIV} ARENAS, 2009, p. 342;

^{XV} BLANCHOT, 2007, p. 187;

^{XVI} SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 32 e PENNA, 2013, p. 96;

^{XVII} ARENAS, 2009, p. 249;

^{XVIII} *Ibidem*, p. 377;

TRAUMA E DISCURSO: VISIBILIDADE E MEDIAÇÃO DO HOMOSSEXUAL ENQUANTO VÍTIMA

GUIDO VIEIRA AROSA

-
- ^{xix} *Ibidem, Idem*;
^{xx} POLLAK, 1989, p. 13;
^{xxi} LERNER, 2003, p. 21-29;
^{xxii} LANZMANN, 1987, p. 100-101;
^{xxiii} SELL, 2012, p. 164;
^{xxiv} *Ibidem*, p. 170;
^{xxv} *Ibidem*, p. 175;
^{xxvi} *Ibidem*, p. 167;
^{xxvii} PASOLINI, 1990, p. 162;
^{xxviii} SEEL, 2012, p. 99;
^{xxix} *Ibidem*, p. 162-163;
^{xxx} CARUTH; KENNAN In CARUTH, 1995, p. 256-271;
^{xxxi} OLIVARES, 2013, p. 114-147;
^{xxxii} POLLAK, 1990, p. 99;
^{xxxiii} ARENAS, 2009, p. 374;
^{xxxiv} SONTAG, 2007a, p. 98;
^{xxxv} BESSA, 2002, p. 186-187;
^{xxxvi} *Ibidem*;
^{xxxvii} VAZ *et.al.*, 2014, p. 2;
^{xxxviii} *Ibidem*;
^{xxxix} LEYS, 2007, p. 3;
^{xl} SONTAG, 2007b, sem página;
^{xli} BUTLER, 2015;
^{xlii} *Ibidem*, p. 157;
^{xliii}^{xliiii} *Ibidem*, p. 160;
^{xliv} *Ibidem*, p. 157;
^{xlv} *Ibidem*, 158.

Bibliografia

- ABREU, Caio Fernando. **Um uivo em memória de Reinaldo Arenas**. In: *Pequenas epifanias*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2006, p.127-129;
- ALEXANDER, Jeffrey C. **On the social construction of moral universals**. In: _____ *et.al. Cultural trauma and collective identity*. Berkely, Los Angeles, London: Universty of California Press, 2004, p.196-263;
- ARENAS, Reinaldo. **Antes que anoiteça**. Tradução: Irène Cubric. Rio de Janeiro: Editora Record, Selo BestBolso, 2009;
- BESSA, Marcelo Secron. **Os perigosos: autobiografias e AIDS**. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2002;
- BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita II: a experiência-limite**. Tradução: João Moura Jr. São Paulo: Editora Escuta, 2007;
- BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Tradução: Arnaldo Marques da Cunha e Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015;
- CARUTH, Cathy; KEENAN, Thomas. **“The AIDS crises in not over”: a conversation with Gregg Bordowitz, Douglas Crimp, and Laura Pinsky**. In: CARUTH, Cathy (org.). *Trauma: explorations in memory*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1995, p.256-271;

TRAUMA E DISCURSO: VISIBILIDADE E MEDIAÇÃO DO HOMOSSEXUAL
ENQUANTO VÍTIMA

GUIDO VIEIRA AROSA

-
- FASSIN; Didier; RECHTMAN, Richard. **The impire of trauma: an inquiry into the condition of victimhood**. Tradução: Rachel Gomme. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2009;
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980;
- FRY, Peter. **Léonie, Pombinha, Amaro e Aleixo: prostituição, homossexualidade e raça em dois romances naturalistas**. In: EULALIO, Alexandre. et al. *Caminhos cruzados: linguagem, antropologia, ciências naturais*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, p.33-51;
- HACKING, Ian. **Rewriting the soul: multiple personality and the sciences of memory**. New Jersey: Princeton University Press, 1995;
- LANZMANN, Claude. **Shoah: vozes e faces do Holocausto**. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987;
- LERNER, Katia. **Coleções e sistemas classificatórios: refletindo sobre a categoria “Holocausto”**. In: *Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas* – Ano 2, n.03, 2003, p.21-29;
- LEYS, Ruth. **From guilt to shame**. In: _____. *From guilt to shame: Auschwitz and after*. New Jersey: Princeton University Press, 2007, p.1-16;
- OLIVARES, Jorge. **Becoming Reinaldo Arenas: family, sexuality, and the cuban revolution**. Durham and London: Duke University Press, 2013;
- PASOLINI, Pier Paolo. **A falsa tolerância sexual do novo poder**. In: *Os jovens infelizes – antologia de ensaios corsários*. Tradução: Maria Betânia Amoroso e Michel Laub. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990, p.145-204;
- PENNA, João Camillo. **Escritos da sobrevivência**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras. 2013;
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Tradução: Dora Rocha Flaksman. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15;
- _____. **Os homossexuais e a AIDS**. Tradução: Paula Rosas. São Paulo: Estação Liberdade, 1990;
- SEEL, Pierre; LE BITOUX, Jean. **Eu, Pierre Seel, deportado homossexual**. Tradução: Tiago Elídio. Rio de Janeiro: Editora Cassará, 2012;
- SELIGMANN-SILVA, Marcio (org). **História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003;
- SONTAG, Susan. **Doença como metáfora; AIDS e suas metáforas**. Tradução: Rubens Figueiredo e Paulo Henriques Britto. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007a;
- _____. **Sobre a tortura dos outros**. In: *Ao mesmo tempo*. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b;
- VAZ, Paulo; ANDRADE, Pedro Henrique; SANTOS, Amanda. **Testemunho e subjetividade contemporânea: narrativas de vítimas de estupro e a construção social da inocência**. In: *Lumina – Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação*. Juiz de Fora: UFJF, v.8, n.2, dez. 2014, p.1-33.